

Reis e rainhas no império do sonho

Começo por saudar alguém que aqui não está, mas está mais presente que ninguém: a Dorinda e o Manuel, a mãe e o pai do Zé Agualusa. Foi neles que este livro começou, como foi neles que começaram todas as histórias que Agualusa escreveu. Saúdo o Zé pelo seu talento, pela sua generosidade, pela sua coragem e pelo sua arrebatada paixão de viver que lhe dá essa mestria para a amizade. Saúdo o Kalaf um outro amigo, que vou apreendendo a conhecer na sua dimensão artística e humana. É muito bom partilhar este momento com o Kalaf, tendo numa mesma mesa os dois lados de um mesmo continente. Saúdo-vos a todos, caros amigos, aqui presentes. É um grande alento saber que a literatura, a boa literatura pode juntar tanta gente.

Estranha coincidência que este evento se realize no Clube Ferroviário. Quem, como eu e o Zé, nasceu em Angola ou Moçambique sabe do valor simbólico de um lugar com este nome. Foi num Clube Ferroviário que eu comecei a não ir aos bailes, foi no Clube Ferroviário que eu imaginei namoros que nunca chegavam a acontecer. Nesse Clube surpreendi esse quase acontecer da vida que nos faz sonhar que um outro mundo pode haver.

Estas sessões de lançamento estão cheias de equívocos. Um deles é que se vai fazer a apresentação um livro. É o que está anunciado para este evento: que eu faça a apresentação do livro. Não o irei fazer. Um livro não se apresenta. Um bom livro é um assunto de mistérios e paixão. E as paixões não se apresentam. Cada um vive a sua, à sua maneira.

O que posso trazer para esta sessão é apenas o testemunho de alguém que teve alguma cumplicidade na génese desta Rainha Ginga.

Há uns meses atrás comecei a escrever uma história que andava à volta de um personagem histórico, o imperador Gungunhana que governou durante duas décadas o Império de Gaza, no Sul de Moçambique. Acontecia que eu estava com dificuldades em encontrar um caminho para construir a narrativa. O tempo mais feliz de um livro é a sua gestação inicial quando ele ainda pode ser todos os livros. A verdade é que eu estava enleado com as tantas histórias que cabiam na minha história. E eu não sabia escolher. E decidi ligar para o meu amigo José Eduardo Agualusa com o intuito de fazer queixa desse imperador que resistia à convocatória da invenção.

Fazemos muito isso, eu e o Zé. Trocamos dúvidas, trocamos ideias e, sobretudo, trocamos mentiras e rimo-nos, rimo-nos muito de parvoíces que inventamos. Vivemos em geografias diferentes mas estamos sentados na mesma varanda, nesse preguiçoso labor do crocodilo: espreitando os mundos que se escondem sob a superfície deste mundo.

Nesse telefonema descobri algo muito curioso: o Agualusa também estava a escrever um romance histórico. O telefonema fez nascer em mim duas imediatas invejas: primeiro, o Zé já ia adiantado no texto. Na verdade eu fiquei com a impressão que enquanto falava comigo ele estava, ao mesmo tempo, a escrever num computador. De facto, ele confessou, mais tarde, ter escrito este livro de um fôlego que é uma coisa rara que implica a convocação não de uma musa mas de um museu de musas. Esse feito, como bem sabemos, só está ao alcance de um angolano. E a outra inveja era a seguinte: a mim cabia-me um imperador, atarracado e anafado. Ao Zé cabia-lhe uma Rainha.

E desliguei o telefone antes que ele me apresentasse a tal de Ginga como uma “mulher lindíssima”. Vou revelar aqui um segredo: não há vez que o Zé não refira a existência de uma mulher que não seja da seguinte maneira: “fulana de tal, por acaso, uma mulher lindíssima”. A vantagem de se ser amigo do Zé é a seguinte: uma mulher estará eternamente segura de ser lindíssima; um homem viverá constantemente cercado de beleza.

No decorrer de posteriores telefonemas e cartas (e insisto em chamar de “cartas” às mensagens de email que troco com amigos), no decorrer dessa correspondência assaltou-me um receio de estarmos ambos a embarcar numa viagem viciada. Havia aqui um risco comum: nós lembrávamos o passado por via de rituais de grandeza imperial. Eu, pela mão de um imperador, ele, pela mão de uma Rainha. Nós herdamos esses símbolos da permanência, como se, para governar um passado inventado e novo, necessitássemos de quem realmente governou o passado antigo.

O Agualusa soube de um modo inteligente subverter esse risco de nascer amarrado: a sua Rainha é apenas um pretexto para ele falar de outras coisas. Apenas na aparência estamos viajando por tempos antigos. Este livro não tem nada de recuo nostálgico. Esta Rainha Ginga confirma, ao inverso, que nada pode ser tão recente como o passado. Ao visitar o antigamente, Agualusa está sobretudo a desenterrar o futuro, um futuro que envelheceu antes de nascer.

Na verdade, desde o romance “A conjura” que Agualusa caminha por entre os muitos tempos do Tempo. Este é o tema do Vendedor de passados, da Estação das Chuvas, do Barroco Tropical, e, em grande parte, da Teoria geral do esquecimento. A memória para o Zé não serve para reconstituir, mas para questionar o presente.

Ele mesmo escreveu o seguinte: “A memória é uma paisagem vista da janela de um comboio em movimento”. Isto é muito bonito, tão bonito que se torna verdade. Mesmo que não haja nem janela nem comboio, o facto é que há na sua escrita uma paisagem que parece ter sido feita apenas para desfilar perante o nosso olhar encantado.

A pergunta pode ser esta: porque razão os escritores de Moçambique e Angola se lançam hoje na busca dessa identidade ilusória que é o passado? A primeira resposta é que talvez essa seja uma busca não apenas dos escritores de África, mas de todos os escritores de todos os continentes.

Um mesmo desamparo nos percorre a todos nós, de todos os cantos do mundo. Existimos entre um passado falsificado e um futuro cego em que não nos vemos. Nunca a humanidade viveu tão abastecida de contemporaneidade. Mas nunca antes sentimos tanto o presente como um tempo que não nos pertence. Porque este é um presente que não nos deixa estar presentes.

Para além desse sentimento que é universal, há algo que me parece ser nosso, dos africanos chamados de “língua portuguesa”. É que estas nações olham a sua história por uma janela que não lhes pertence. A janela do nosso comboio é um vidro pintado. Nessa superfície baça se maquilhou uma tela de uma única dimensão. É este quadro pobre e empobrecedor que nos oferecem como inevitável janela.

Nos nossos países, a narrativa nacionalista se anunciou com a intenção de libertar a terra e os homens. O cumprir dessa missão foi um acto de grande coragem. Mas a promessa de emancipação apenas se cumpriu pela metade e acabou criando uma visão muito simplista e redutora de nós mesmos. A narrativa dos antigos nacionalistas reduziu o passado a um estereótipo que serve para justificar privilégios e legitimar a ordem social vigente. Esta narrativa cegou a janela. Este discurso emparedou a paisagem. Do lado de dentro ficou um tempo falsificado. Do lado de fora, ficaram passados que insistem em nos bater à porta. Muita da violência do nosso presente resulta desta exclusão de um tempo que é nosso e de que somos excluídos.

Este livro faz prova, por via da literatura, do quanto somos aquilo que já fomos. E nós fomos tantos, com tantas almas e nomes. É este labor que tem ocupado o meu amigo Agualusa: uma arqueologia às avessas para descobrir vestígios do futuro no tempo que acreditamos ser do passado.

E talvez aqui está a resposta à pergunta sobre a razão desta escrita que busca no pretérito: andamos

à cata do passado porque nos falta o futuro.

Disse há pouco que o momento mais feliz do escritor é quando ele ainda pode escolher a terra para fazer a sua lavoura. Pois as nações sentem falta de regressar a um tempo em que ainda podiam ser tudo.

Por essas utopias teimamos viajar, eu e o Agualusa. Mas nós temos feito muita dessa viagem mais mundana, deambulando pela extensa geografia de países e continentes. Viajar com o Zé acarreta sempre uma dupla deslocação. Porque o Zé tem um habilidade especial de não ser um único e exigir de si aquilo que ele pede ao tempo: ser plural e imprevisível.

(Devo confessar que quando ele se empenha seriamente em ser apenas o José Eduardo Agualusa fica completamente insuportável).

Esta errância de cigano, esta constante emigração de si mesmo inscrevem-se na sua escrita, que não é sempre inquieta e imprevisível.

Numa praça de Recife, no bazar de Luanda ou no aeroporto de Frankfurt, o Zé exerce sempre a mesma arte que é não estar em lado nenhum. É este contrabandista de identidades que, nesta Rainha Ginga, se converte num narrador que é o Francisco José, missionário e secretário da corte. Mas esse Francisco José sofre da doença do seu criador: ele não é um só. E vai transitando entre fé e descrença, entre obediência e rebeldia.

Numa viagem de avião que fizemos juntos entre a Sérvia e Lisboa, a certa altura atravessamos uma zona de turbulência intensa. Reparei com inveja que o Zé não exibia nenhum sinal de medo. Depois, constatei que não se tratava de coragem de espécie alguma: o Zé não dava conta que estava dentro de um avião. Ele estava inteiro nas histórias que me contava no meio dos solavancos do avião, comigo a fazer de conta que escutava para me distrair do meu medo. A invenção de histórias para José Eduardo não é um ofício. É um vício. Um vício que nos vicia.

O nosso amigo angolano vive numa permanente overdose de personagens. Nesta sua arrebatada felicidade está também a sua maior fragilidade: ele não tem outra morada que não seja a da ficção. Nesta sua entrega incondicional aos afectos esconde-se uma triste lucidez. Essa lucidez faz com que este narrador, este Francisco José confesse de sua paixão o seguinte:

“À medida que envelhecia, compreendi que o amor exige uma espécie de cegueira. Amamos não o que os nossos olhos enxergam, mas quem o nosso coração demanda. O ser amado é, quase sempre, uma invenção indulgente de quem ama”.

Conto-vos agora um caso curioso. Nesta obra figura um personagem que é Cipriano Gaivoto, também chamado de mouro ou de Abdulah. É um turco, condenado pelo Tribunal do Santo Ofício. Ora acontece que, no ano passado, eu, o Zé e a Patrícia (minha mulher) fomos ao Museu da Inquisição, em Cartagena das Índias, na Colômbia. A visita foi um completo fracasso, o cicerone era um homem que sonhava ser mulher e que se empenhava de tal modo em se exhibir, que o Museu deixava de ser visível. Não era um guia: era um performer, uma espécie de Ney Matogrosso colombiano. Pois esse exuberante cicerone se encantou pelo Agualusa. Assim que o viu, foi como se tivesse sido fulminado e clamou:

- “Meu santo Deus! Você é um turco !”

E depois, repetiu, já mais gentil: “um turco, sim, mas um mui formoso turco”.

Se o Zé já antes queria fugir, naquele momento ele quis desaparecer. Haveria ali uma espécie de incorporação premonitória de um personagem deste livro, o tal Abdullah que foi vítima do Tribunal do Santo Ofício. Pois, naquele momento, José Eduardo Agualusa era um turco em pleno Museu da Inquisição. Formoso ou não, ele era por antecipação o José Eduardo Abdulah.

Foi um momento muito curioso porque o Zé transpirava, aterrorizado: ele que sempre é o autor das histórias, estava naquele momento sendo objecto de ficção. O escritor estava sendo escrito. Preso numa página, quase crucificado em palavras, o meu amigo escapou pela porta traseira do Museu. Foi a única vez que vi Agualusa ser salvo pela realidade.

Disse, no princípio, que não ia falar do livro. De facto, depois de ler a Rainha, percebemos que é o inverso: este livro é que fala de nós. Estamos todos nós nestas trezentas páginas, estamos nelas como sujeitos e autores, sonhados e sonhadores. Esta é prova de uma literatura completamente assumida e conseguida. O grande propósito de um escritor é que, ao ser lido, cada leitor escute a sua própria voz. E é pela nossa própria voz que Rainha Ginga fala, quando ela diz o seguinte:

“Nos dias antigos, os africanos olhavam para o mar e viam que era o fim. O mar era uma parede, não uma estrada. “

É isto que dizia a rainha. É isto que diz a janela que pintaram no comboio da nossa viagem. A leitura deste livro, porém, devolve a esse mar antigo o destino de uma estrada aberta a todos os tempos e a todas as viagens. E tornamo-nos, todos nós, reis e rainhas de um mundo que está ainda por nascer.

Muito obrigado pela vossa paciência.